

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AUDRY, JACQUELINE AUDRY

9 e 11 de Outubro de 2021

LES CHEVAUX DU VERCORS / 1943

um filme de JACQUELINE AUDRY

Realização: Jacqueline Audry *Ideia:* André Persian *Imagens:* André Thomas, Henri Alekan *Montagem:* Robert Isnardon *Música original:* Jean Marion *Comentário:* Paul Gilson *Produção:* LATAC (França, 1943) *Cópia:* Ministère de la Culture, Les Archives du film du Centre national de cinématographie 35 mm, preto-e-branco, versão original em francês legendada eletronicamente em português, 18 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

LES MALHEURS DE SOPHIE / 1945

um filme de JACQUELINE AUDRY

Realização: Jacqueline Audry *Argumento, Diálogos:* Pierre Laroche, inspirado no romance da Condessa de Ségur (1858) *Adaptação:* Colette Audry *Imagem:* Jean Isnard *Som:* Maurice Carrouet *Montagem:* Emilienne Nelissen *Música:* Pierre Sancan *Canção:* Guy Lafarge (letra: Jacques Mareuil) *Maquetes:* Alexandre Trauner *Cenários:* Marcel Magniez *Guarda-roupa:* Felix Fahar *Interpretação:* Marguerite Moreno (Mademoiselle), Madeleine Bousset (Sophie), Josée Conrad (Sophie, em criança), Yolande Laffon (Mme. de Réan), André Alerme (o prefeito Hugon), Renaud Mary (Armand Hugon), Michel Auclair (Paul), Serge Emrich (Paul, em criança), Jean Daurand (Blaise), Robert Demorget (Blaise, em criança), Paul Dagan (o padre), Colette Darfeuil (a revolucionária), Jean Temerson (o polícia), Geneviève Morel (a criada de Sophie), Ghislaine Fenoglio (Camille), Liane Daydé (Madeleine), Marianne Hardy (Sra. d'Auber), Andrée de Chaveron, etc.

Produção: UTC – Union Technique Cinématographique, Pathé Cinéma (França, 1945) *Produtor:* Jacques Panhaleux *Direção de Produção:* Hubert Vincent-Bréchnignac *Cópia:* Ministère de la Culture, Les Archives du film du Centre national de cinématographie, 35 mm, preto-e-branco, versão original em francês legendada eletronicamente em português, 71 minutos *Estreia em França:* 3 de Abril de 1946 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Reunidos no programa que os apresenta em Portugal praticamente oito décadas idas sobre as suas datas de produção, LES CHEVAUX DU VERCORS e LES MALHEURS DE SOPHIE são as duas primeiras obras realizadas por Jacqueline Audry (1908-1977), mais de duas dezenas de filmes após o seu começo no cinema como anotadora, montadora, assistente de realização nos anos 1930. O mundo estava em guerra pela segunda vez. Em França eram ainda os anos da Ocupação pela Alemanha nazi, de que Paris se liberta em Agosto de 1944. Mesmo com Alice Guy-Blaché (1873-1968), mesmo com Germaine Dulac (1882-1942), uma realizadora mulher era a exceção a milhas da regra. Audry, Jacqueline Audry, criada numa família republicana e protestante, nascida na Belle Époque a que regressa em várias das suas ficções, começa pela incursão documental no maciço de Vercors da região de Camarga ao realizar o filme de fim de curso depois de uma vida profissional como jovem antiquária parisiense, já divorciada e mãe de um filho. A escola era o CATJC (Centre artistique des jeunes techniciens du cinéma, financiada por Vichy), antecessor do mais conhecido IDHEC, e a época não se pautava pelo acesso à formação em cinema.

LES CHEVAUX DU VERCORS é o único filme documental da realizadora que guina para a ficção e a adaptação literária com o seguinte LES MALHEURS DE SOPHIE, em que já conta com a colaboração do crítico e argumentista-dialoguista Pierre Laroche (com quem casa em novas núpcias) e da escritora Colette Audry (sua irmã e companheira). As belas imagens dos cavalos na paisagem selvagem são de uma história de transumância e de liberdade, tópicos que também se encontram na narração *off*. Audry, que gostava de animais e conhecia bem a região da Camarga onde o pai trabalhara em tempos e ela própria volta a filmar quando experimenta a sua versão western em LA CARAQUE BLONDE (1953), talvez tenha escolhido o seu primeiro motivo cinematográfico ponderando afinidades pessoais. Tudo indica. O maciço de Vercors ficaria historicamente associado à Resistência (que se refugia no *maquis* da região para combater o invasor durante a Segunda Guerra, dando origem ao substantivo *maquisard*), mas na altura da filmagem de Audry o combate travava-se ainda no presente. Dele não reza a superfície do filme.

No ensaio de Brigitte Rollet (*Jacqueline Audry La femme à la caméra*, 2015) encontra-se transcrita uma citação de citação publicada em 1956 por Marcel Lapierre no *La Presse*, que atribui ao então director do CATJC, Pierre Guérin, a seguinte apreciação: “Uma jovem realizadora, recém-chegada e talentosa, revelou com LES CHEVAUX DU VERCORS a existência de um genuíno e encantador faroeste francês. Com as suas grandes cavalgadas, os seus admiráveis horizontes, os seus ‘rodeos’ e galopadas desenfreadas, é um documentário tão divertido como um filme de cowboys cujas muito belas imagens são um regalo para a vista.” Na mesma passagem, Rollet lembra como Audry associa a Camarga a um sentido de espaço e liberdade de movimentos assinaláveis anos antes do célebre CRIN-BLANC de Albert Lamorisse (1953).

No mesmo ensaio documentam-se os rocambolescos infortúnios de produção de LES MALHEURS DE SOPHIE, escrito durante a Ocupação, atacado pela censura de Vichy (conforme a descrição de Pierre Laroche em *Malheurs d’un scénario*), rodado no fim da Guerra e estreado em Abril de 1946 mas guardando as sementes da Resistência, como aí se nota. A Condessa de Ségur (Sophie Feodorovna Rostopchine, a aristocrata russa que se exila em França e se faz escritora tardia de grande popularidade na literatura dita infanto-juvenil) é então a primeira autora adaptada ao cinema por Audry, num filme-matriz dos que sucedem até finais dos anos 1960 dando a volta às convenções, e muitas vezes indo ao avesso dos textos no sentido da abordagem livre e transgressiva da realizadora. No caso, a adaptação muito livre (por Colette Audry) contraria o registo exemplar de Ségur e privilegia, contra a perspectiva infantil, um retrato de Sophie como jovem adulta independente. Na versão Audry, uma versão revista e acrescentada da obra original da Condessa de Ségur, a personagem tem duas idades, a da menina traquinas e a da rapariga determinada da segunda parte do filme, que começa numa elipse temporal: um plano de ligação concentrado no interior de um roupeiro onde os cabides vazios vão sendo ocupados, graças à arte ilusionista da trucagem, por vestidos progressivamente mais compridos e senhoris.

A economia narrativa é uma marca da sequência inicial com a sucessão de planos aparentemente doces comentada em *off* no registo contrário da severidade estridente das reprimendas pela velha preceptora (a Mademoiselle interpretada por Marguerite Moreno). “Sophie!”, “Sophie...”, o nome da personagem é a primeira palavra do filme (num tom distinto, o mesmo acontece em OLIVIA, no qual, assinala-se ainda, o livro da Condessa é citado) enquanto a sua repetição sublinha a repressão encarnada por Moreno, a que respondem as personagens da mãe, que a dada altura percebe o erro pedagógico, maternal e humano, e da cozinheira, com o seu discurso temperado de compreensão. De desastre em desastre, isto é, de asneira em asneira, a pequena descrita como desobediente, incorrigível, uma torcionária de índole malévola, entre outros mimos, reivindica a liberdade que lhe é socialmente negada. Antes das protagonistas Belle Époque que Jacqueline filma a partir dos romances de Colette (a mais conhecida escritora Colette, a não confundir com Colette Audry), ou seja, antes de Gigi, Minne e Mitsou – na trilogia GIGI (1948, anterior e bastante distinto da versão de Minnelli em 1958), MINNE, L’INGÉNUE LIBERTINE (1950, alegremente surpreendente), MITSOU (1956) –, antes de Olivia em OLIVIA (1950, a partir de Dorothy Bussy), Sophie é a primeira personagem submetida à educação sentimental na perspectiva emancipadora de Audry. Uma personagem exaltada pelas suas próprias sensações e emoções, vibrantes sob o filtro do frufu de época.

Além da qualidade de *enfant sauvage*, a personagem de Sophie tem a rebeldia de uma *enfant terrible*, termos que o filme inclui nas falas de Paul, o primo de alma revolucionária na idade adulta. É o passo em que LES MALHEURS DE SOPHIE se torna político fazendo o elogio da Resistência (do seu tempo de Guerra) por interposto recurso histórico às convulsões da época de Napoleão Bonaparte. Os apontamentos aparentemente anódinos (por exemplo, toda a sequência na estação), tal como a galeria de personagens secundárias, cumprem no filme uma função retratista abundante em ecos de que uma visão atenta tira partido. Idem no que toca aos diálogos, nos quais em boa parte se encontra muito subtexto e o peculiar sentido de humor dos filmes de Jacqueline Audry em que, de facto, o que começa por parecer não é e o que é nem sempre parece. A qualidade, que também é lúdica na seriedade da sua afirmação, tem alguma coisa que ver com um certo anacronismo, essencial e perturbador.